

A CONTRIBUIÇÃO DE RENEE BLOCH PARA OS ESTUDOS BÍBLICOS*

Donizete Luiz Ribeiro, religioso de Sion, Doutor em Teologia, Diretor Acadêmico e professor do Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ), líder do Grupo de pesquisa *Ecos da Torá-Escritura* nos Evangelhos e literatura paulina e editor da Revista *Cadernos de Sion - CCDEJ-SP*.

E-mail: ribeironds@gmail.com

Marivan Soares Ramos, leigo, casado, doutorando em Teologia pela PUC-SP; Coordenador Acadêmico e professor do Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ); membro dos grupos de pesquisas TIAT – PUC-SP e *Ecos da Torá – CCDEJ-SP*.

E-mail: marivanramos26@gmail.com

RESUMO

Este artigo, fruto dos encontros no Grupo de Pesquisas *Ecos da Torah*, busca, uma vez mais, render homenagens a Renée Bloch, exímia conhecedora da Literatura Rabínica. A proposta é apresentar sua contribuição para a exegese judaico-cristã, válida ainda hoje, pela abordagem do método comparativo. Valendo-se de uma ampla literatura judaica conduz seu ouvinte-leitor a um mergulho profundo na tradição de Israel. Com isso, estabelece relações textuais entre os dois Testamentos com aproximações interpretativas aguçadas. Esse era o modo interpretativo comum no período do Segundo Templo, o qual chamavam de Midrash, isto é, a busca incansável pelo sentido do texto. Neste sentido, Bloch, de modo especial, convida-nos a uma aproximação, pela leitura midráshica dos textos, entre duas importantes figuras bíblicas: Moisés e Jesus.

Palavras-chave: Torá oral. Escritura. Midrash. Literatura comparada. Figura de Moisés

ABSTRACT

This article, fruit of Echoes of Torah Research Group, looks once more to give homage to Renée Bloch, a scholar of Jewish Tradition and rabbinic Literature. Its aim is to present her contribution for Jewish Christian Exegesis in our times through a comparative literature approach. Taking on account the Jewish Literature it is leading us, as readers, to a deep diving into Israel Tradition. With this, it is establishing new textual relations between the two Testaments' approaches. This was a common interpretative method during the Second Temple, known as Midrash, meaning a tireless looking for innovation and meaning of the text. In this sense, R. Bloch, a pioneer, invites us to approach by midrashic reading of the texts, the biblical figures of Moses and Jesus.

Keywords: Oral Torah. Scriptures. Midrash. Comparative Literature. Figure of Moses.

Introdução

A jovem Renée Bloch de origem judia, versada nas letras clássicas e semíticas, foi pioneira pela sua pesquisa e valorização espiritual da literatura midráshica aplicada aos estudos bíblicos e intertestamentários. Seus escritos de vanguarda, nos anos cinquenta, do século passado, permanecem ainda atuais e reconhecidos pelos pesquisadores no campo da literatura bíblica.

* Como líder e vice-líder do grupo de Pesquisa *Ecos da Torá/Escritura nos evangelhos e na literatura paulina*, nos apraz, como autores deste artigo, agradecer cada membro do grupo que participou da pesquisa e auxiliou-nos na elaboração deste artigo. De modo especial agradecemos as pesquisas e textos enviados pelos seguintes membros (as) do grupo de pesquisa: Maria Regina R. Graciani; Antonia Osmarina S. Moreira; Katia Ap. G. Ramirez; Victor A. Valdo; Éden M. de Brito; Raimundo P. de Sousa.

Esta contribuição, baseada nos seus principais artigos, publicados originalmente em francês, traduzidos e publicados pela coedição CCDEJ/*Fons Sapientiae*, com o título sugestivo, *Escritura e Tradição: Ensaio sobre o Midrash*, toma a figura de Moisés, de maneira ampla, intra e extrabíblica, ampliando-a, graças à contribuição de Bloch, fundamentada na literatura semítica comparada. Ela visa, enfim, a articular os diversos aspectos da figura mosaica, no seu *milieu* literário, vetero e neotestamentário, destacando assim sua posteridade, graças à literatura midráshica.

O interesse pela literatura judaica antiga permite redescobrir o Judaísmo e reencontrar a cultura, que havia sido a de Jesus e dos seus primeiros discípulos. Os primeiros escritores cristãos eram herdeiros de um meio religioso dotado de tradição própria, com uma maneira peculiar de ler as Escrituras.

Uma maneira privilegiada de entrar na lógica interna das fontes judaicas é ser orientado pacientemente na singularidade dessa tradição e descobri-la por aquilo que ela é. Com isso, deve-se adentrar naturalmente no espírito dos textos sagrados judaicos, tomados em sua forma original e segui-lo em sua coerência.

A aproximação entre as tradições judaica e cristã permite afirmar que ambas têm uma origem e características comuns, um tronco comum cujos ramos produzem os mesmos frutos (REMAUD, 2003, p. 28). Tal foi o objetivo dos estudos científicos de Renée Bloch, autora cujo profundo amor revelado em uma definitiva vocação a tornou uma valiosa especialista em Tradição judaica. A exploração séria da literatura midráshica, o estudo aprofundado dos Targumim palestineses, a reconstrução do ciclo trienal de leitura da Torá na sinagoga, estudos sobre o Judaísmo antigo, dentre outros, podem ser amostras do trabalho realizado por Bloch em poucos anos.

Por uma fatalidade trágica, esta jovem e promissora autora, com apenas 31 anos de idade, deixará inacabada a obra de sua vida. O artigo sobre Moisés, o homem da Aliança, pronto apenas dez dias antes sua morte, no qual ela apresenta alguns aspectos da figura de Moisés na tradição rabínica, é uma significativa amostra das riquezas que tal labor prometia.

1. A Escritura como literatura

Bloch “através de um trabalho cuidadoso de crítica histórica e sobretudo literária”, emprega na vasta literatura rabínica, métodos comparativos com o propósito de demonstrar a “antiguidade das tradições a formação, a situação histórica e a interdependência dos escritos rabínicos” (BLOCH, 2021, p. 42). Sem escamotear as

dificuldades metodológicas, em sua forma e seu conteúdo, Bloch expõe o problema central da literatura rabínica decorrente das dificuldades de datação e diversidades das suas fontes judaicas e propõe de maneira inovadora para sua época, um método comparativo para o estudo dos textos.

Neste sentido, faz-se necessário observar que textos religiosos são obras literárias. E por esse motivo, devem ser estudadas de acordo com procedimentos que ajudem, o intérprete, a aproximar-se de sua mensagem. Essa abordagem dos textos bíblicos, por sua vez, “não deve causar desconforto a adeptos da concepção religiosa”; mais ainda, “a Bíblia é o legado comum de todos nós, e deveríamos ser capazes de estudá-la, até certo ponto, sem entrar em controvérsia religiosa” (GABEL; WHEELER, 1993, p. 17).

Com isso em mente, sabe-se que a “reflexão acerca dos princípios de interpretação reside fundamentalmente no fato de que toda metodologia está baseada em princípios hermenêuticos, que ditam suas coordenadas mais amplas, concretizadas em seguida em passos metodológicos precisos” (LIMA, 2014, p. 15). Será exatamente isso que a autora, em tempos remotos realizará. Neste sentido, se faz necessário pensar a Escritura como literatura e, com isso, conhecer certos métodos literários. Esses, por sua vez, buscam alcançar a mensagem veiculada de forma textual.

A pesquisa literária supõe métodos e abordagens diferentes com a finalidade da busca pelo sentido do texto, isto é, “a busca de Deus que ele próprio busca e quer ser buscado” (LENHARDT, 2020, Tomo I, p. 110). Para se obter esse resultado, deve-se aplicar métodos exegéticos. “Um método sempre possui pressuposições teóricas, que orientam não só seus procedimentos, mas também o horizonte das conclusões resultantes de sua utilização” (LIMA, 2014, p. 9). Essas conclusões manifestam-se através da compreensão e explicação dos textos pesquisados.¹ Neste sentido, a Escritura, e por extensão a literatura rabínica, deve ser vista, a princípio, como literatura:

Considerar a Bíblia como consideraríamos qualquer outro livro: um produto da mente humana. Nessa concepção, a Bíblia é um conjunto de escritos produzidos por pessoas reais que viveram em épocas históricas concretas. Como todos os outros autores, essas pessoas

¹ “Texto é uma manifestação linguística articulada que apresenta uma unidade comunicativa, possui coesão (conexão entre palavras, expressões e frases) e coerência (possui um sentido)” (LIMA, 2014, p. 86).

usaram suas línguas nativas e as formas literárias então disponíveis para a autoexpressão, criando, no processo, um material que pode ser lido e apreciado nas mesmas condições que se aplicam à literatura em geral, onde quer que seja encontrada (GABEL; WHEELER, 1993, p. 17).

É através da linguagem, no nível literário, que “os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1988, p. 19). A literatura, portanto, eleva a linguagem, abarcando em si uma profundidade e riqueza inconfundíveis. Desse modo, obras literárias, utilizam-se de vários recursos para expressar suas muitas ideias. Entre esses recursos destacamos: a) as figuras de linguagem;² b) os gêneros literários.³ Desse modo, faz-se necessário compreender que:

Todo exemplar de escritura é de um certo tipo. Ele se situa no âmbito de uma tradição formal particular e exemplifica essa tradição. Isso não era menos verdadeiro nos tempos bíblicos do que o é agora. (...) Antes do período moderno, e certamente nos tempos bíblicos, os escritores que tivessem alguma concepção de um tema que desejavam exprimir se voltavam, de modo natural e indubitável, para uma forma literária tradicional que a veiculasse (GABEL; WHEELER, 1993, p. 27).

Com esses recursos presentes, o ouvinte-leitor aproxima-se de uma exigência necessária para uma boa exegese textual. Ou seja, para se compreender bem uma obra literária, e seus correlatos, é fundamental a identificação das figuras de linguagem, bem como a identificação das famílias de escritos, dessas mesmas obras, com características semelhantes. Será dessa forma que Bloch desenvolverá sua pesquisa considerando o método comparativo aplicado a literatura rabínica. De certo, “toda obra deve ser estudada com dupla atenção: é necessário compreender as relações internas entre as várias partes, a estrutura que medeia a comunicação (semiótica) e depois passar ao significado de cada elemento em seu contexto (semântica)” (BOSCOLO, 2021, p. 338).

Portanto, para Bloch, esse método comparativo empregado, de modo exaustivo, em suas pesquisas contará com os estudos de obras literárias através de duas abordagens. Ei-las:

² “O estudo das figuras de linguagem constitui a análise estilística, cujo escopo é identificar os procedimentos por meio dos quais o autor dá maior expressividade, colorido e vivacidade a seu texto” (DA SILVA, 2007, p. 33).

³ “A crítica do gênero literário está ligada, desde os seus inícios, à noção de ‘forma’. Sendo a forma a apresentação particular de um texto, a organização de seus diversos elementos, o termo gênero indica o esquema formal que se encontra por baixo desta configuração que é comum a outros textos” (LIMA, 2014, p. 123).

- a) Externa: trata-se de “um estudo comparativo entre, de uma parte, os escritos rabínicos, sobretudo midráshicos, palestinos, que não estão datados, como também não estão datadas as tradições que veiculam, e de outra parte, os textos datados, pelo menos aproximadamente, que não pertencem ao Judaísmo rabínico palestino, e nos quais se encontram as mesmas tradições” (2022, p. 43).⁴
- b) Interna: “consiste essencialmente em seguir uma mesma Tradição através das etapas que os diferentes documentos representam, tentando distinguir os elementos mais primitivos, as variantes, os desenvolvimentos, os acréscimos, os retoques, levando em conta as diversidades de gênero literário e da situação histórica, para assim classificar – provisoriamente – os escritos segundo o encaminhamento da Tradição em questão” (2022, p. 49).⁵

Ou seja, se, por um lado, Bloch, utiliza-se do método comparativo Externo como possibilidade para compreensão da datação dos textos, por outro lado, ela emprega o método comparativo Interno, com o objetivo de compreender o desenvolvimento dos mesmos, a partir de suas muitas variantes. Dessa forma, os textos recebem significativas transformações, com acréscimos, ou mesmo com mutilações no *corpus* linguístico. Contudo, suas pesquisas no fundo evocam a Tradição viva de Israel. Viva “porque pode se renovar todos os dias” (LENHARDT, 2020b, p. 18), isto é, *hiddush*. A autora, bem sabe que esse é o dinamismo utilizado milenarmente pelo Judaísmo. Ao se debruçar sobre essa literatura, pode-se dela extrair ensinamentos para todos os tempos. Todavia, esse dinamismo próprio da Tradição judaica deve ser apreciado da seguinte maneira:

semelhante renovação só é autêntica se é feita pela confirmação, pelo cumprimento do que a precede e a engendra. O Novo não suprime o Antigo. O Novo, quando aparece de maneira irreduzível, se torna principal (*iqqar*) e o Antigo vem a ser relativo (*taphet*). O antigo, que se tornou relativo ao Novo, não é, entretanto, diminuído, mas ao contrário confirmado e iluminado por ele; continua a apoiar e iluminar o Novo. (LENHARDT, 2020b, p. 18)

2. Os diversos aspectos da figura de Moisés no Primeiro Testamento

Renée Bloch fundamenta sua visão da Escritura e Tradição baseando-se na literatura midráshica. Neste seu primeiro artigo, a noção fontal de Torá escrita e Torá oral, demonstrada pela liturgia judaica e pelo midrash, leva Bloch a afirmar que “a Torá, sendo centro de onde tudo irradia e para onde tudo converge, é em relação a ela que as diversas correntes e cismas do Judaísmo se definem” (BLOCH, 2022, p. 14). Sendo a Torá, ensinamento e prática da palavra ensinada, Bloch vai, de um lado,

⁴ Os textos estudados por ela nessa abordagem são: escritos do Judaísmo helenista, apócrifos, pseudo-filon, Josefo, glosas da Septuaginta da Peshita, documento de Damasco, Novo Testamento, escritores cristãos antigos, fontes litúrgicas antigas.

⁵ O texto utilizado em seus estudos é o anúncio do nascimento de Moisés: o sonho do Faraó.

sustentar a origem bíblica do midrash e, de outro lado, tomar os diversos aspectos da figura de Moisés como paradigma para o desenvolvimento interpretativo da literatura midráshica. Os escritores bíblicos retomam as tradições anteriores e ao mesmo tempo “introduzem suas próprias reações: sua reflexão desenvolve, enriquece e vai além da mensagem original” (BLOCH, p. 27). Neste sentido, há um midrash intrabíblico que busca desenvolver uma figura como, por exemplo, a figura de Moisés, de maneira homilética ou halákhica, como ‘atualização’ ou renovação dos textos mais antigos para aplicá-los ao presente da Escritura *vetero* e neotestamentárias. Esse movimento de atualização é típico da literatura midráshica, ele se prolonga nos textos neotestamentários e tem por finalidade “o entendimento e a prática fiel da Torá e a vinculação de toda a Tradição, de toda a Torá de Israel, à Palavra de Deus” (BLOCH, p 34). A seguir, apresentamos alguns aspectos relativos à figura de Moisés, descrito por Bloch.

2.1 O papel de Moisés na história de Israel (BLOCH, p. 92-138)

No que se diz respeito a Moisés, Israel não foi escolhido por sua causa. Tampouco, por ele, recebeu as prerrogativas, mas unicamente por causa do amor de Deus pelo seu povo. Israel nasceu da fidelidade de Abraão, ele é o pai. Moisés, por sua vez, é chamado servo de Deus, isto posto em função de Israel. Exatamente isso que sobressai das tradições Aggádicas a respeito de seu papel de mediador e servo, pastor e intercessor, também sobre seu sofrimento e sua morte. Ele está inteiramente às ordens de Deus: “O senhor fala a Moisés dizendo” (Ex 14). O texto bíblico insiste no fato de que Deus libertou Israel do Egito, por sua vez, Moisés era o intermediário. A mediação se inspira no amor pelo povo de Deus. A tradição rabínica não cessa de marcar este fato de que Moisés desde sempre participou de todo o sofrimento de Israel, no que se diz respeito, até mesmo nas penitências pelos pecados de Israel para que assim se convertessem, esta que era a geração do deserto. O Midrash Rabbá, comentando o texto de Dt 3,27 trata da questão meritória de Moisés: “Se fores sepultado aqui junto deles, os que morreram no deserto, então, por teu o mérito, eles entrarão contigo”.

2.2. Moisés, pastor de Israel e guardião da Torá

Um pastor fiel diferente de um chefe “a tradição midráshica marca, sobretudo, o aspecto da fidelidade que este papel de pastor comporta” (p. 113). Moisés receberá,

como mediador, as leis de Deus através dele *halahôt le'Moshe mi'Sinai*. Este dado está intimamente ligado à própria tradição oral. E não pode ser isolado, sem o risco de enfraquecê-lo e reduzi-lo. Moisés tem um lugar central na vida e na história de Israel. A Torá não poderia ser dada em qualquer lugar. Um lugar unicamente em vista do dom da Torá deveria existir não se esquecendo assim da Aliança, que foi feita com os nossos pais. Será necessária uma longa preparação para receber o dom da Torá. Demonstrando assim, a pedagogia divina e a solicitude de Deus que educa o povo. Neste sentido, “a literatura midráshica e em particular, a literatura homilética, dedica amplas reflexões” (p. 122) sobre a entrega da Torá. Este modo de refletir sobre a Aliança estabelecida com Deus, “ajuda a compreender a visão que se criou no Judaísmo dos acontecimentos decisivos do êxodo e do papel de Moisés na história de Israel” (p. 122). No livro do Cânticos dos cânticos, Moisés aparece, parece anunciar a Israel o tempo das núpcias, a libertação e o dom da Torá. *Moshe Rabbenu* é esta missão que expressa a designação constante dada a Moisés, nosso mestre.

2.3. Moisés, tipo do Messias

A proposta messiânica, vinculada a figura de Moisés, não se torna tão evidente nos textos bíblicos. Todavia, nasce a partir da experiência do êxodo. Esta característica de Moisés, surge com sua escolha por Deus, a fim de conduzir o povo do Egito, rumo a conquista da Terra prometida.

2.4. O servo de YHWH e a figura de Moisés

Os quatro poemas do servo sofredor apresentada no conjunto do livro da Consolação de Israel é de “importância determinante do ponto de vista da significação da figura do servo” (p. 130). Sendo assim, “não se opõe a uma interpretação destes poemas que se apoie no conjunto do contexto e se situe na perspectiva do êxodo” (p. 131). Aqui, portanto, encontra-se uma espera dos acontecimentos relacionados ao deserto, se inspirado pela lembrança do êxodo.

2.5. Moisés, tipo do Messias na literatura rabínica

Os textos rabínicos apresentam os profetas, que desde os tempos mais antigos frequentemente apresentam a última Redenção em paralelo, a primeira Redenção do Egito. Diante de inúmeras passagens midráshicas, pode-se ver como é apresentado

a expectativa messiânica, comparada, a imagem da noite da Páscoa. O êxodo de muitas maneiras coloca-se em paralelo com esse tempo.

3. Alguns aspectos da figura neotestamentária de Moisés nos evangelhos

O Novo Testamento retoma e desenvolve, entre outros, a grande figura de Moisés. O testemunho neotestamentário é enraizado nas Escrituras de Israel, via o *milieu* escriturário e R. Bloch, tomando como exemplo a figura do último libertador em comparação com Moisés. Ela nos traz como exemplo, o caso descrito nos atos dos apóstolos 7, em que Estevão vai dizer: “A beleza de Moisés, quando ainda criança” que, sim, é relatado nas escrituras no antigo testamento. Citando textos importantíssimos que fazem e dão forças a essa expectativa, Bloch relata a iniciativa da catequese Apostólica dos evangelhos Sinóticos onde “Aparece no deserto e logo em seguida o povo vem a ele de todos os cantos e pergunta se é ou não o Messias” a qual dá ênfase por trazer mais explicitamente a ideia de um novo Messias, na carta aos hebreus, atos dos apóstolos, como um novo êxodo com um novo Moisés, ideia essa que ela destaca não estar nas cartas de São Paulo (BLOCH, 139). Este paralelismo geral entre Moisés e o Messias é apontado para nós em 3 pontos particulares que são apresentados no novo testamento, e nos textos rabínicos em suas partes singulares, que são esclarecedores também nesse quesito do novo testamento. São eles (BLOCH, 140-143):

- 1) Aponta essa questão de que o servo Messias sofredor, precisa ter sido concebido nos ambientes segundo o modelo de Moisés, estas provações contêm uma tipologia messiânica. Assim como foi com o primeiro, será com o último libertador, referentes aos eventos do êxodo, citadas de todo o modo, na Torá de Moisés. Dessa forma, o evangelista Lucas em seu segundo livro (At 7), apresenta Estevão discorrendo sobre memórias de Moisés. Em seu ensinamento sinaliza, de forma paralela, que do mesmo jeito em que muitos resistiram a Moisés, assim aconteceria com o Messias. Textos, como o citado acima, surgem com frequência na literatura neotestamentária. Sempre evidenciando paralelismo entre Jesus e Moisés.
- 2) Seguindo a tradição midráshica, Bloch analisa o evangelho de Mateus, nos capítulos 1 e 2, onde, na analogia literária, sem mencionar Moisés “Parece claro que o autor redigiu tendo constantemente em mente a história do nascimento de Moisés, segundo a tradição midráshica” (p. 141). Jesus como Moisés será o Salvador de Israel. Nesta linha de pensamento e apresentação, é comparando a tentativa de assassinar, assim, desde o instante de seu nascimento, tanto um quanto outro, tem sua vida em perigo

diante de um rei que teme um futuro libertador. Citando e comparando passagens de Mateus e o êxodo, é apresentado que também devemos notar no texto do êxodo e na literatura rabínica similares comparações. Mais ainda, se apresenta textos relacionados a profecia de Zacarias, constantemente aplicadas ao Messias nas mesmas literaturas. Enquanto que Mateus, da mesma maneira que Josefo, apresentava em seus escritos também, a fusão das tradições referindo-se explicitamente na tipologia messiânica geral do êxodo e de Moisés desde seu nascimento.

- 3) Apontando para nós como que um paralelismo entre Moisés e Jesus, neste elemento neotestamentário são trazidos então, os relatos da Transfiguração. Entretanto, apresenta-nos um texto provocativo: “Mas convém pelo menos notar que explicar a presença de Moisés e Elias ao lado de Jesus sobre a Montanha, unicamente como um símbolo da lei e dos profetas, parece-nos insuficiente, à luz da tradição rabínica” (p. 143). Diante de uma ressonância messiânica escatológica. Também nos é lembrado que Moisés tem, por sua vez, na tradição judaica, “uma relação precisa com o Messias” (p. 144). Trazendo para nós um trecho do Targum, ele nos lembra que a palavra do Senhor andaré no meio dos dois, tanto de Moisés quanto do rei Messias, um saindo do deserto e o outro saindo de Roma. “os relatos da transfiguração parecem referir-se a este conjunto de tradições vivas a respeito de Moisés e as confirmam. Por sua vez, naquilo que elas têm de mais profundo” (p. 144).

Podemos notar também a dimensão do dom da Palavra, presente no Sinai e no Sermão sobre a Montanha. Com efeito, Moisés, aos pés do Sinai, é aquele que, como insiste *Pirkey Avot*, “recebe a Tora e a transmite à Josué que a transmite aos Anciãos e aos Profetas e esses aos homens da grande Assembleia” (*Pirkey Avot* 1,1). No Evangelho de São Mateus, Capítulo 5, Jesus, vendo a multidão, subiu à Montanha (novo Sinai), sentou-se e começou a ensinar a todos sua Torá. Neste sentido, para Mateus, Jesus é o Novo Moisés, aquele que transmite a Torá do Senhor, como defendeu Allison (1993) há trinta anos. Entretanto, com Lenhardt, podemos avançar mais e dizer que Jesus além de ensinar a Torá, é a Torá Viva, *the Living Torah* (LENHARDT, 2020b, p. 209).

Também se encontra no Evangelho de João, especialmente na perícopes de Jo 6,1-15 (cf. tabela abaixo) paralelos de Jesus com a figura de Moisés. Assim como em Mateus, no quarto evangelho, Jesus é apresentado como um ‘Novo Moisés’, do ponto de vista da Cristologia e da tradição midráshica. Segundo Siqueira, pode-se perceber

este paralelismo e aproximação com outras literaturas intra e extra-bíblicas (SIQUEIRA, 2018, p. 90) da seguinte maneira:

Jo 6,1-15	Outras Literaturas
<ul style="list-style-type: none"> Jesus atravessa o mar 	<ul style="list-style-type: none"> Livro do Êxodo (Pentateuco) Alguns Salmos (ex.: Sl 105,26-27)
<ul style="list-style-type: none"> Jesus sobe para o monte 	<ul style="list-style-type: none"> Livro do Êxodo (Pentateuco); Jubileus: Jesus sobe ao monte, recebe a Lei e ensina ao povo; Filo: Subir ao monte como símbolo de entronização;
<ul style="list-style-type: none"> Jesus é “o profeta que vem para o mundo” 	<ul style="list-style-type: none"> Dt 18,15; Test Mo 10,15: Josué é o substituto de Moisés; Test Mo: destaca o ofício de profeta; Filo: Moisés é “o profeta”
<ul style="list-style-type: none"> Jesus como rei 	<ul style="list-style-type: none"> Filo: Subir ao monte como símbolo de entronização; Êx 4,20
<ul style="list-style-type: none"> Jesus dá uma ordem (ênfase no que Ele diz) 	<ul style="list-style-type: none"> 4Esdras: Esdras como profeta que recebe revelações e transmite ao povo Test Mo: Moisés é mediador/intercessor; Jubileus: Moisés é portador de profecias; Filo: Moisés aprende diretamente de Deus.
<ul style="list-style-type: none"> Fala de Jesus semelhante à de Moisés 	<ul style="list-style-type: none"> Nm 11,13

Assim, pode-se perceber que o método comparativo desenvolvido pela pioneira Renée Bloch apresenta novas perspectivas, tanto na abordagem canônica (*ad intra*) dos textos como nas diversas leituras das Escrituras, como literatura comparada (*ad extra*). Esse método, em seu tempo como no atual, mantém na seriedade da investigação o desejo de buscar conhecer de que forma a Literatura Rabínica desenvolveu a tradição oral expressa na tradição escrita.

Considerações finais

A partir da contribuição acadêmica de Renée Bloch, bem representada pelos quatro artigos traduzidos e publicados recentemente no Brasil com título: *Escritura e Tradição. Ensaio sobre o Midrash*, buscamos indagar e demonstrar a contribuição fundamental desta pioneira do Midrash e da literatura semítica comparada para o

Exegese bíblica. Constatamos, com efeito, seu caráter pioneiro, pois como jovem pesquisadora, vindo do mundo judaico, formou-se em teologia e línguas semíticas. Desenvolvendo um projeto de pesquisa centrado na figura de Moisés, como um fio de Ariadne, tecido pela imensa literatura bíblica, intertestamentária e dos primeiros séculos de nossa era. Malgrado sua trágica morte, em plena flor da idade, a pioneira Bloch legou à exegese bíblica uma metodologia de abordagem dos textos como literatura semítica comparada. Seus principais escritos são, de fato, ensaios, focados no desenvolvimento da literatura oral e midráshica. Lançando mão de sua formação parisiense, no Instituto Católico e na Sorbonne, Bloch soube abordar a figura de Moisés com suas múltiplas facetas e assim articular, graças a uma análise atenta dos textos internos e externos à Escritura, aquilo que constitui a espinha dorsal das Sagradas Escrituras judaicas na Bíblia cristã.

Outros autores, graças ao trabalho pioneiro de Bloch, vão assumir e levar adiante este legado fundamental. Como diz um ensinamento da Tradição oral de Israel: O essencial que Deus propõe a toda pessoa dedicada à sua Torá, é de “começar o trabalho (*avodah*) e não de terminá-lo” (*Pirkey Avot* 2,16). Bloch não somente começou, às duras penas, mas levou bem longe seu *avodat hakodesh*, formando-se nas línguas semíticas e consagrando sua vida à Torá oral, deixando-nos, assim, um legado pioneiro ainda muito útil para quem busca dar um sentido ao mundo e a sua existência com base na Escritura e na Tradição. Ela praticou à risca o conselho de um dos sábios de Israel, Ben Bag Bag que assim ensinou: “Vire e revire a Torá, pois tudo nela se encontra. Por ela tu verás; envelhece com ela e não a abandone, pois ela é a melhor riqueza para ti” (*Pirkey Avot* 5,22).

Referências

- ALLISON, Dale C. **The new Moses: a matthean Typology**. Edinburgh: T. & T Clark, 1993.
- BLOCH, Renée. **Escritura e Tradição: Ensaio sobre o Midrash**. São Paulo: CCDEJ-Fons Sapientiae, 2022.
- BOSCOLO, Gastone. **A Bíblia na história**. Introdução geral à Sagrada Escritura. São Paulo: Paulus, 2021.
- DANBY, Herbert, **The Mishnah**. Oxford: University Press, 1933.
- DA SILVA, Cássio M. D. **Leia a Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 2007.
- GABEL, John B.; WEELER, Charles B. **A Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 1993.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Exegese bíblica. Teoria e prática.** São Paulo: Paulinas, 2014.

LENHARDT, Pierre. **À escuta de Israel, na Igreja.** Tomo I. São Paulo: CCDEJ-Fons Sapientiae, 2020.

_____. **À escuta de Israel, na Igreja.** Tomo II. São Paulo: CCDEJ-Fons Sapientiae, 2020.

NEUSNER, Jacob. **The Mishnah.** A new translation. Yale University Press: New Haven and London, 1988.

REMAUD, Michel. **Evangelho e Tradição Rabínica.** São Paulo: Loyola, 2007.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>

SIQUEIRA, Felipe Bagli. **Conotações mosaicas no Jesus joanino: a recepção das tradições de Moisés na perícopes de João 6,1-15.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2018. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1754/2/FELIPE%20BAGLI%20SIQUEIRA.pdf>